



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CCHA – CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE LETRAS E
HUMANIDADES
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**AS RELAÇÕES DE PODER EM “O ALIENISTA” DE MACHADO DE
ASSIS**

JOSÉ TIEGO FERREIRA DA COSTA

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2014

JOSÉ TIEGO FERREIRA DA COSTA

**AS RELAÇÕES DE PODER EM “O ALIENISTA” DE MACHADO DE
ASSIS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV - da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de licenciada em Letras.

Orientador: Prof^o. M.Sc. Rômulo Cesar de A. Lima

CATOLÉ DO ROCHA – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C837r Costa, José Tiego Ferreira da.
As relações de poder em "O Alienista" de Machado de Assis
[manuscrito] : / José Tiego Ferreira da Costa. - 2014.
26 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas
e Agrárias, 2014.
"Orientação: Prof. Me. Rômulo César de Araújo Lima,
Departamento de Letras e Humanidades".

1. Saber. 2. Poder. 3. Loucura. I. Título.

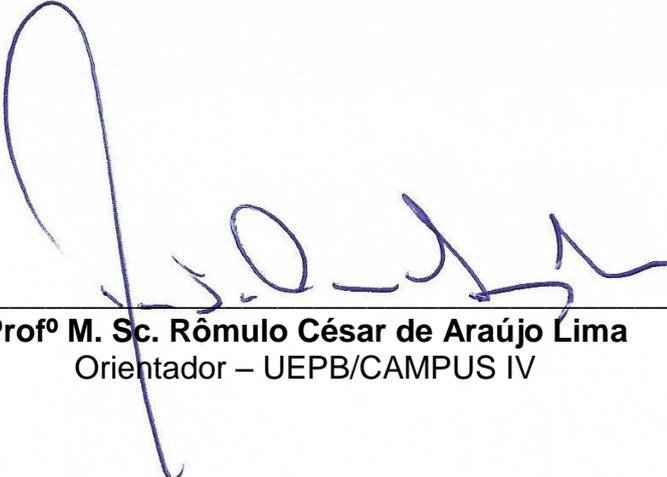
21. ed. CDD B869.93

JOSÉ TIEGO FERREIRA DA COSTA

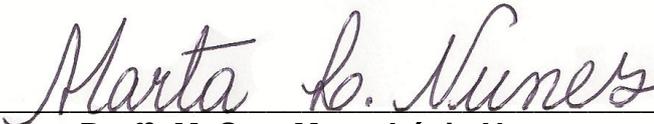
AS RELAÇÕES DE PODER EM “O ALIENISTA” DE MACHADO DE ASSIS

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de licenciada em Letras.

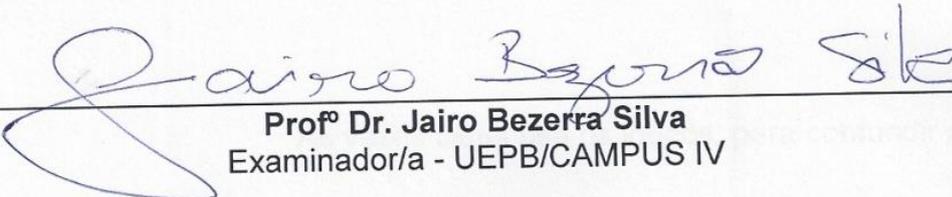
Aprovado em: 23 de julho de 2014.



Profº M. Sc. Rômulo César de Araújo Lima
Orientador – UEPB/CAMPUS IV



Prof.ª M. Sc. . Marta Lúcia Nunes
Examinador/a – UEPB/CAMPUS IV



Profº Dr. Jairo Bezerra Silva
Examinador/a - UEPB/CAMPUS IV

Às vezes Deus usa os loucos, para confundir os sábios.

Chorão

Concluir sonhos, angariar projetos e realizá-los são dádivas. E a essas conquistas a dedicatória é para Deus que tudo prover no seu tempo, na sua caridade e com seu amor.

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo e de todos agradeço a DEUS que sempre está ao meu lado, me protegendo, me iluminando e abençoando minha vida, até mesmo quando não sou merecedor de todo seu amor.

Agradeço a minha família que sempre busca me apoiar.

Não podia deixar de agradecer a todos meus colegas/amigos que são para mim, mais uma família que tenho o prazer de fazer parte, tenho carinho imenso a todos. Agradeço a Geilma por sempre me incentivar e pelo carinho que me foi ofertado durante nossa jornada; a Heloísa por compartilhar seu jeito concentrado e dedicado que muitas vezes foi imprescindível pelo bom andamento dos nossos trabalhos; a Juliana pela espontaneidade e iniciativa de estar sempre nos auxiliando e que apesar de todas as discussões foi indispensável em nossa caminhada; a Gilmara que com seu bom humor e valentia nos proporcionou momentos agradabilíssimos e a Paulinha que muitas vezes foi o elo que me uniu a todas as outras e por sempre estar me ajudando por mais adversas que sejam as situações.

Agradeço a todos meus amigos que independente de tudo estão ao meu lado e são a minha maior riqueza.

Um muito obrigado a todos meus professores do Departamento de Letras e Humanidades por me fazerem descobrir uma visão mais crítica do mundo em especial meu mestre e orientador Rômulo César que desde o primeiro minuto de aula me identifiquei e passei a admirá-lo. Um abraço especial para Irmão Neto pela dedicação e o empenho em está sempre pronto para nos auxiliar.

Sou grato pelo apoio e compreensão dos meus colegas de trabalho da E.M.E.F. Professor Manoel Torres, que é meu orgulho e mais uma família abençoada que foi colocada em minha vida.

Um obrigado muito carinhoso para uma pessoa maravilhosa que Deus colocou em minha vida que é meu porto seguro e que sempre me apoia e apesar de todos os obstáculos estar ao meu lado.

Por último, mais não menos importante agradeço a mim mesmo, que apesar de todos os problemas e dificuldades que a vida impõe ainda ta com um sorriso no rosto.

AS RELAÇÕES DE PODER EM “O ALIENISTA” DE MACHADO DE ASSIS

COSTA, José Tiego Ferreira da
Licenciando em Letras - UEPB/CAMPUS IV

LIMA, Rômulo César de Araújo
Profº. Ms. Orientador - UEPB/CAMPUS IV.

RESUMO

Partindo do olhar filosófico de Michel Foucault e de seus estudos sobre o poder e a loucura, o presente trabalho objetiva realizar uma análise de “O Alienista”, contando sua estória e buscando encontrar nela traços foucaultianos que servirão como parâmetro para uma reflexão de alguns aspectos das definições de poder encontrados na obra literária machadiana em tela. Mais especificamente, este trabalho monográfico analisará a busca pelo poder dentro da sociedade de Itaguaí, local onde a trama de Machado de Assis se desenrola, e a formulação da loucura, que está totalmente ligada à questão do poder que o médico local exerce perante todos por conta de seu saber imensurável.

Palavras-chaves: Saber- Poder – Loucura

ABSTRACT:

Leaving the philosophical gaze of Michel Foucault and his studies of power and madness, this work aims to conduct an analysis of "O Alienista", telling his story and trying to find her foucaulians traits that will serve as a parameter to reflect some aspects definitions of power found in Machado de Assis literary work on screen. More specifically, this monograph will examine the quest for power within the Itaguaí, where the plot unfolds. Axe society, and the formulation of madness, which is fully connected to the question of power that exerts local doctor before all because of know your immeasurable.

Key Words: Knowledge - Power - Madness

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. CONSIDERAÇÕES SOBRE O AUTOR	11
1.1 Principais Características de Machado de Assis	12
2. DEFINIÇÕES DE LOUCURA E SEUS ECOS NA LITERATURA	14
2.1 Traços Principais do Enredo de “O Alienista”.....	14
2.2. Traços da Relação Saber-Poder de Foucault em Simão Marcante	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS	25

INTRODUÇÃO

Poucos autores do cenário contemporâneo trilharam tantas áreas do saber como Foucault: da epistemologia das ciências humanas à ética, da literatura à sexualidade, da loucura à punição. Mas, o estudo do poder foi o causador da maior repercussão. As suas investigações, ao longo dos anos 70, em torno da problemática do poder, com suas características, táticas e estratégias.

Para Foucault, o poder não existe, o que existe são as relações de poder. No entender de Foucault, o poder é uma realidade dinâmica que ajuda o ser humano a manifestar sua liberdade com responsabilidade. A ideia tradicional de um poder estático, que habita em um lugar determinado, de um poder piramidal, exercido de cima para baixo.

Nessa perspectiva a análise irá abordar a construção da personagem Simão Bacamarte, personagem do livro “O Alienista” de Machado de Assis. Essa construção será pautada nas relações de poder estudadas por Michel Foucault

O objetivo deste trabalho será mostrar como identificamos a teoria foucaultiana na obra de Machado de Assis, durante a narrativa. Nela, fica evidente a busca pelo poder nos conflitos contra os internamentos ocorridos, combatendo a pretensão do alienista Bacamarte em fincar sua posição científica já pré-determinada como a correta e verdadeira, por se basear na razão, para justificar o asilo psiquiátrico na cidade. Além disso, a formulação da loucura, realizada através do saber médico, pretende estar nas mãos do único conhecedor sobre psiquiatria em Itaguaí, ou seja, Dr. Simão Bacamarte. Tal problemática será enfocada a partir dos traços marcantes atribuídos ao Alienista na obra supracitada.

Antes ainda de iniciar a descrição de certos traços do conceito de poder, cabe destacar que Foucault não tem uma teoria geral do poder. Ao contrário, ele não pretende fundar uma teoria geral e globalizante, e sim trabalhar uma analítica de poder capaz de dar conta do seu funcionamento local, em campos e discursos específicos e em épocas determinadas. Como ele destaca: “O que está em jogo nas investigações que virão a seguir é dirigirmos menos para uma ‘teoria’ do poder que

para uma 'analítica' do poder: para uma definição do domínio específico formado pelas relações de poder e determinação dos instrumentos que permitam analisá-lo" (Foucault, 1979b, p. 80).

Por fim, a nossa análise estará, principalmente, centrada na relação conhecimento-poder que fundamenta a construção da personagem a partir dos enunciados. Estes, como vemos, enfatizam a personagem como um ser mais preparado para a vida devido a seus vastos conhecimentos científicos e, por isso, digno de julgar toda uma cidade.

1. CONSIDERAÇÕES SOBRE O AUTOR

Joaquim Maria Machado de Assis, escritor brasileiro, amplamente considerado como o maior nome da literatura nacional. Escreveu em praticamente todos os gêneros literários, sendo poeta, romancista, cronista, dramaturgo, contista, folhetinista, jornalista, e crítico literário. Testemunhou a mudança política no país quando a República substituiu o Império e foi um grande comentador e relator dos eventos político-sociais de sua época.

Nascido no Morro do Livramento, Rio de Janeiro, de uma família pobre, mal estudou em escolas públicas e nunca frequentou universidade. Os biógrafos notam que, interessado pela boemia e pela corte, lutou para subir socialmente abastecendo-se de superioridade intelectual. Para isso, assumiu diversos cargos públicos, passando pelo Ministério da Agricultura, do Comércio e das Obras Públicas, e conseguindo precoce notoriedade em jornais onde publicava suas primeiras poesias e crônicas. Em sua maturidade, reunido a colegas próximos, fundou e foi o primeiro presidente unânime da Academia Brasileira de Letras.

Sua extensa obra constitui-se de nove romances e peças teatrais, duzentos contos, cinco coletâneas de poemas e sonetos, e mais de seiscentas crônicas. Machado de Assis é considerado o introdutor do Realismo no Brasil, com a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881). Este romance é posto ao lado de todas suas produções posteriores, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*, *Esaú e Jacó* e *Memorial de Aires*.

Sua obra foi de fundamental importância para as escolas literárias brasileiras do século XIX e do século XX e surge nos dias de hoje como de grande interesse acadêmico e público. Influenciou grandes nomes das letras, como Olavo Bilac, Lima Barreto, Carlos Drummond de Andrade. Em seu tempo de vida, alcançou relativa fama e prestígio pelo Brasil, contudo não desfrutou de popularidade exterior na época. Hoje em dia, por sua inovação e audácia em temas precoces, é frequentemente visto como o escritor brasileiro de produção sem precedentes, de modo que, recentemente, seu nome e sua obra têm alcançado diversos críticos, estudiosos e admiradores do mundo inteiro. Machado de Assis é considerado um

dos grandes gênios da história da literatura, ao lado de autores como Dante, Shakespeare e Camões.

1.1 – Principais características de Machado de Assis

De acordo com Piza (2006), as características de Machado de Assis de maior destaque são:

- Visão objetiva e pessimista da vida, do mundo e das pessoas.
- Análise psicológica profunda das contradições humanas na criação de personagens imprevisíveis, jogando com insinuações em que se misturam a ingenuidade e a malícia, a sinceridade e a hipocrisia.
- Crítica irônica das situações humanas, das relações entre as pessoas e dos padrões de comportamento. Casamento, família, religião são envenenados pelo interesse, pelas segundas intenções e pela malícia.
- Linguagem: estilo conciso, sentenças curtas, equilíbrio entre a linguagem e o conteúdo. Não se preocupa em descrever fisicamente os ambientes e os personagens. As descrições prendem-se aos aspectos psicológicos mais marcantes.
- Envolvimento do leitor pela oralidade da linguagem, pelas surpresas de que suas histórias (contos e romances) estão cheias e pelas “conversas” que o narrador estabelece frequentemente com o leitor, transformando em cúmplice e participante do enredo .
- Citação de autores clássicos e da bíblia.
- Reflexão sobre a mesquinhez humana e a precariedade da sorte humana.

- Atitude de escárnio diante do poder.

- Os aspectos externos (tempo cronológico, espaço, paisagem) são apenas pontos de referência, sem merecerem maior destaque.

- Enredo não segue uma ordem cronológica, antecipando a forma moderna de escrever literatura.

2. DEFINIÇÕES DE LOUCURA E SEUS ECOS NA LITERATURA

2.1 – Traços Principais do Enredo de “O Alienista”

Em “O Alienista” Machado de Assis (sua primeira obra realista), considerada por alguns críticos um conto e para outros uma novela, a maioria o classifica como um conto mais longo, principalmente devido à narrativa. Obra que inaugura a fase realista do autor apresenta características como à análise psicológica e a crítica social.

O conto é narrado em 3º pessoa, o chamado narrador onisciente. Machado de Assis consegue mostrar o comportamento humano no que diz respeito à aparência, vaidade e egoísmo.

A narrativa se passa numa vila brasileira do século XIX, chamada Itaguaí. Conta a história do *Dr. Simão Bacamarte*, um grande estudioso brasileiro, que aos trinta e quatro anos, após concluir seus estudos nas universidades de Coimbra e Pádua, retorna ao Brasil para se dedicar totalmente às atividades científicas. Ao chegar às terras brasileiras, Simão Bacamarte casa-se com D.Evarista da Costa e Mascarenhas e continua seus estudos sobre as ciências médicas.

Percebendo que em Itaguaí os doentes mentais são afastados da sociedade e passam a viver no mais completo isolamento em suas residências, Simão Bacamarte tem a ideia de construir uma casa especial onde toda população com problemas de loucura pudesse ser assistida. A partir daí, pediu licença às autoridades para realizar a construção daquilo que seria o primeiro asilo brasileiro.

Apesar de alguns comentários contra, em pouco tempo o asilo havia sido construído. Localizado na Rua Nova, uma das mais belas ruas de Itaguaí, o asilo recebera o nome de *Casa Verde*. Os loucos passaram a ser capturados, e todos os tipos de “maluquices” havia naquela casa. Porém, conversando com seu amigo boticário, Simão Bacamarte fez uma interessante confidência: revelou ao boticário que como homem de total dedicação à ciência, sua finalidade na construção da

Casa Verde não era prestar assistência à população psicossomática, mas tão somente, estudar profundamente a loucura.

Simão Bacamarte dá continuidade aos estudos e a administração da casa verde, entretanto, com o passar do tempo, qualquer atitude suspeita dos moradores de Itaguaí é motivo para conduzi-los ao asilo. O primeiro da lista foi o *Sr. Costa*, um dos mais estimados cidadãos da vila que após ter recebido uma herança, não tratou de administrá-la corretamente vindo a ficar pobre novamente. Sendo atestada sua insanidade, foi recolhido ao asilo cinco meses depois. Simão Bacamarte levou ao asilo seu amigo boticário, o padre da Vila, entre outras figuras ilustres, e não poupou nem a sua esposa.

Daí em diante, qualquer suspeita era motivo para se levar alguém à Casa Verde. De tantos recolhimentos Itaguaí sofreu uma *Revolução* seguida de um golpe de Estado, pois a população começava a demonstrar insatisfação diante de tais fatos. Contudo, de nada adiantou.

Em seus estudos Simão Bacamarte concluiu que quatro quintos da população itaguaiense estava hospedada naquele asilo e que a sua teoria, bem como suas experiências avançava a um novo estágio. Os hóspedes da Casa Verde deveriam ser libertados e conseqüentemente, o Dr. Bacamarte conseguiu junto à câmara uma nova permissão para recolher o restante da população que antes era considerada em perfeito estado mental: os simples, os leais, os desprendidos e os sinceros. A situação fora invertida.

Após muito tempo de estudos e pesquisas, Simão Bacamarte induzindo os pacientes da casa verde à transgressão, imaginou ter sanado suas doenças, vindo a libertar todos eles. Porém, não ficou satisfeito. Apesar dos resultados alguma coisa incomodava o Dr. Bacamarte que continuou os estudos e chegou à seguinte conclusão: ele era quem estava doente. Acreditava que era uma questão científica e reunia em si mesmo a teoria e a prática, por isso deveria se recluser na Casa Verde e continuar com a busca pela cura de si mesmo. Morreu em sete meses sem ter encontrado a cura que tanto procurava.

O termo loucura é apenas usado por leigos (Em nosso trabalho usaremos esse termo para mantermos a coerência com o texto original de Machado de Assis). Doença mental ou distúrbio mental e o nome de doenças da mente. Essas doenças estão classificadas por grupos e subgrupos de acordo com os sintomas e sinais. O diagnóstico da doença mental é feito baseado nesses sintomas e sinais. Nos casos mais graves a pessoa é alheia a realidade.

O dicionário Aurélio (2002, p. 433) define loucura da seguinte maneira: *sf.* Estado ou condição de louco; insanidade mental.

Para Araújo (1996, p.5),

O conceito de loucura é uma representação social, isso não quer dizer que sejam mitos e/ou falsos. Nem todas as representações sociais são necessariamente falsas, pois os “direitos humanos”, o “elétron” e a “universidade” também são representações sociais, pois representam o consenso compartilhado e, frequentemente, constituem convenções sociais, derivadas de regras aceitas pela sociedade. Não são fatos estabelecidos pela natureza, mas são idéias e conceitos complexos desenvolvidos por grupos sociais e legitimados por validade consensual.

A loucura como doença psicossomática não é uma adversidade contraída pelo homem apenas na modernidade. Desde muito tempo relata-se a presença da doença mental. Entretanto, o seu tratamento ao longo da história foi deveras questionável. Sua cura muitas vezes estava ligada à extrema exclusão ou até mesmo a rituais religiosos e cerimônias de exorcismo. A loucura enfocada pela ciência, tendo a psiquiatria como uma especialidade médica, só ocorreu a partir do século XVIII, quando em 1793, o médico francês *Philipp Pinel*, libertou os doentes mentais que estavam acorrentados no *Hospital Bicêtre*. Desde então, a abordagem de cunho científico, passou a fazer parte do tratamento da doença mental. (BARREIRA; PERES 2009)

Porém, esta nova abordagem materializou também o olhar da indiferença. Aquele que não seguia o padrão comportamental que a sociedade determinava como uma pessoa sã passou a ser “diferente” e caracterizado como louco. A loucura foi transformada em uma identidade para representar não apenas o louco de origem

psicossomática, mas todos aqueles que estivessem para além do padrão social estabelecido. O louco, a partir dos discursos de *poder-saber* estipulado pela religião,

política e ciência, foi excluído do convívio social e afastado daqueles que eram ditos normais, racionais, os que não ameaçavam a ordem da sociedade.

Diante do quadro acima citado, buscamos nesta pesquisa aproximar os fatos relatados pela historiografia com a narrativa da Literatura. Encontramos na obra “*O Alienista*” de Machado de Assis, um retrato do Brasil no século XIX, no que concerne ao comportamento social em relação à loucura. A nosso ver, História e Literatura não se opõem, mas podem se relacionar. Nelas o fato histórico se amplia com a narração e o trabalho científico se valoriza com o estilo literário sem que se comprometa à totalidade dos fatos.

O uso da Literatura como fonte de pesquisa pode ser de fundamental importância para o historiador em sua labuta. Não queremos dizer com isso que a literatura documenta o real ou constitui representações semelhantes às aquelas produzidas pelos discursos científicos, filosóficos, políticos, jurídicos. Mas o que deve ser considerado na literatura é que toda sua ficção de algum modo está sempre enraizada na sociedade. Pois o contexto em que ela é escrita abarca determinadas condições de tempo, espaço, cultura e relações sociais em que seu autor está inserido a criar suas fantasias. (FERREIRA, 2009)

Afora tal propósito específico, perseguido também pela Sociologia, devem interessar à pesquisa histórica todos os tipos de textos literários, na medida em que sejam vias de acesso à compreensão dos contextos sociais e culturais: *literatura maior ou literatura menor*, escritos clássicos ou não, eruditos ou populares, bem-sucedidos no mercado ou ignorados, incensados ou amaldiçoados. (FERREIRA, 2009, p. 71)

2.2 – Traços da Relação Saber-Poder de Foucault em Simão Bacamarte

No presente artigo definimos que em “**O Alienista**” a personagem Simão Bacamarte considera o ser humano como um caso que deve ser analisado cientificamente, nesse aspecto é possível percebemos uma forte crítica de Machado de Assis ao cientificismo que não concebe o ser humano na sua totalidade e complexidade corpo-alma.

Durante o transcorrer da estória o Doutor Bacamarte vai distorcendo seus pensamentos e conceitos em relação à loucura e ao sujeito determinado por ele louco. Podemos comprovar analisando suas atividades no livro, é possível encontrarmos quatro teorias que demonstram a curvatura da linha de pesquisa do alienista.

Teoria 1: São loucos aqueles que apresentarem um comportamento anormal de acordo com o conhecimento da maioria.

Os loucos por amor eram três ou quatro, mas só dois espantavam pelo curioso do delírio. O primeiro, um Falcão, rapaz de vinte e cinco anos, supunha-se estrela-d'alva, abria os braços e alargava as pernas, para dar-lhes certa feição de raios, e ficava assim horas esquecidas a perguntar se o sol já tinha saído para ele recolher-se. O outro andava sempre, sempre, à roda das salas ou do pátio, ao longo dos corredores, à procura do fim do mundo. Era um desgraçado, a quem a mulher deixou por seguir um peralvilho. Mal descobrira a fuga, armou-se de uma garrucha, e saiu-lhes no encalço; achou-os duas horas depois, ao pé de uma lagoa, matou-os a ambos com os maiores requintes de crueldade.

O ciúme satisfez-se, mas o vingado estava louco. E então começou aquela ânsia de ir ao fim do mundo à cata dos fugitivos.

A mania das grandezas tinha exemplares notáveis. O mais notável era um pobre-diabo, filho de um algibebe, que narrava às paredes (porque não olhava nunca para nenhuma pessoa) toda a sua genealogia, que era esta:

—Deus engendrou um ovo, o ovo engendrou a espada, a espada engendrou Davi, Davi engendrou a púrpura, a púrpura engendrou o duque, o duque engendrou o marquês, o marquês engendrou o conde, que sou eu.

Dava uma pancada na testa, um estalo com os dedos, e repetia cinco, seis vezes seguidas:

—Deus engendrou um ovo, o ovo, etc.

Teoria 2: ampliou o território da loucura: "A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades, fora daí, insânia, insânia e só insânia." De acordo com essa teoria a mínima mania ou costumes que fosse era tratado como um "caso grave de insânia", entre eles o que abalou toda a Itaguaí foi o recolhimento de D. Evarista, esposa do alienista

Um dia de manhã—dia em que a Câmara devia dar um grande baile,—a vila inteira ficou abalada com a notícia de que a própria esposa do alienista fora metida na Casa Verde. Ninguém acreditou; devia ser invenção de algum gaiato. E não era: era a verdade pura. D. Evarista fora recolhida às duas horas da noite. O Padre Lopes correu ao alienista e interrogou-o discretamente acerca do fato.

—Já há algum tempo que eu desconfiava, disse gravemente o marido. A modéstia com que ela vivera em ambos os matrimônios não podia conciliar-se com o furor das sedas, veludos, rendas e pedras preciosas que manifestou logo que voltou do Rio de Janeiro. Desde então comecei a observá-la. Suas conversas eram todas sobre esses objetos; se eu lhe falava das antigas cortes, inquiria logo da forma dos vestidos das damas; se uma senhora a visitava na minha ausência, antes de me dizer o objeto da visita, descrevia-me o traje, aprovando umas coisas e censurando outras. Um dia, creio que Vossa Reverendíssima há de lembrar-se, propôs-se a fazer anualmente um vestido para a imagem de Nossa Senhora da matriz. Tudo isto eram sintomas graves; esta noite, porém, declarou-se a total demência. Tinha escolhido, preparado, enfeitado o vestuário que levaria ao baile da Câmara Municipal; só hesitava entre um colar de granada e outro de safira. Anteontem perguntou-me qual deles levaria; respondi-lhe que um ou outro lhe ficava bem. Ontem repetiu a pergunta ao almoço; pouco depois de jantar fui achá-la calada e pensativa.—Que tem? perguntei-lhe.—Quería levar o colar de granada, mas acho o de safira tão bonito!—Pois leve o de safira.—Ah! mas onde fica o de granada? Enfim, passou a tarde sem novidade. Ceamos, e deitamo-nos. Alta noite, seria hora e meia, acordo e não a vejo; levanto-me, vou ao quarto de vestir, acho-a diante dos dois colares, ensaiando-os ao espelho, ora um ora outro. Era evidente a demência: recolhi-a logo.

Teoria 3: os loucos agora são os leais, os justos, os honestos e imparciais. Dizia que se devia admitir como normal o desequilíbrio das faculdades e como patológico, o seu equilíbrio. Isso podemos com provar logo no início do capítulo XI onde o Alienista encaminha a Câmara Municipal o seguinte ofício:

De fato o alienista oficiara à Câmara expondo: — 1º: que verificara das estatísticas da vila e da Casa Verde que quatro quintos da população estavam aposentados naquele estabelecimento; 2º que esta deslocação de população levava-o a examinar os fundamentos da sua teoria das moléstias cerebrais, teoria que excluía da razão todos os casos em que o equilíbrio das faculdades não fosse perfeito e absoluto; 3º que, desse exame e do fato estatístico, resultara para ele a convicção de que a verdadeira doutrina não era aquela, mas a oposta, e, portanto, que se devia admitir como normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades e como hipóteses patológicas todos os casos em que aquele equilíbrio fosse ininterrupto; 4º De que à vista disso declarava à Câmara que ia dar liberdade aos reclusos da Casa Verde e agasalhar nela as pessoas que se achassem nas condições agora expostas; 5º que, tratando de descobrir a verdade científica, não se pouparia a esforços de toda a natureza, esperando da Câmara igual dedicação; 6º que restituía

Teoria 4: O único ser perfeito de Itaguaí era o próprio Simão Bacamarte. Logo, somente ele deveria ir para a Casa Verde. Com o desenvolver dessa última teoria o enredo ganha seu surpreendente desfecho.

Simão Bacamarte achou em si os característicos do perfeito equilíbrio mental e moral; pareceu-lhe que possuía a sagacidade, a paciência, a perseverança, a tolerância, a veracidade, o vigor moral, a lealdade, todas as qualidades enfim que podem formar um acabado mentecapto. Duvidou logo, é certo, e chegou mesmo a concluir que era ilusão; mas, sendo homem prudente, resolveu convocar um conselho de amigos, a quem interrogou com franqueza. A opinião foi afirmativa.

—Nenhum defeito?

—Nenhum, disse em coro a assembléia.

—Nenhum vício?

—Nada.

—Tudo perfeito?

—Tudo.

[...]

Simão Bacamarte curvou a cabeça juntamente alegre e triste, e ainda mais alegre do que triste. Ato contínuo, recolheu-se à Casa Verde. Em vão a mulher e os amigos lhe disseram que ficasse, que estava perfeitamente são e equilibrado: nem rogos nem sugestões nem lágrimas o detiveram um só instante.

—A questão é científica, dizia ele; trata-se de uma doutrina nova, cujo primeiro exemplo sou eu. Reúno em mim mesmo a teoria e a prática.[...]

Mas o ilustre médico, com os olhos acesos da convicção científica, trancou os ouvidos à saudade da mulher, e brandamente a repeliu. Fechada a porta da Casa Verde, entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo. Dizem os cronistas que ele morreu dali a dezessete meses no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada.

Em **O Alienista** Simão Bacamarte utiliza-se do seu conhecimento científico, impondo assim na cidade de Itaguaí ser uma nova disciplina, que não deve ser vista como o poder em si, mas uma forma de exercer o poder, que regula os cidadãos que ao serem flagrados fazendo um imperceptível gesto ou fala seria jogado na Casa Verde com o diagnóstico de insanidade, Foucault criou o termo “sociedade disciplinar” para consolidar outras instituições onde também existe a relação de disciplina-saber-poder como asilos, hospitais, escolas e quartéis. Nessa perspectiva o Doutor Bacamarte se torna um produtor do poder, ou seja, uma expressão de uma operação que teria a forma de enunciação da lei e do discurso da proibição, com toda uma série de efeitos negativos: exclusão, rejeição, ocultação, obstrução, etc. Com efeito, a partir desta perspectiva é a lei da interdição e da censura que atravessa todo o corpo social - do Estado à família, em nosso trabalho culminando com a autocensura do indivíduo que detém esse poder.

Ao afastar-se do modelo legal Foucault aponta para uma nova percepção deste fenômeno. Assim, o poder não deve ser conhecido como algo detido por uma

classe (os dominantes) que o teria conquistado, aliviando definitivamente a participação e a atuação dos dominados; ao contrário, as relações de poder presumem um enfrentamento perpétuo. Desta maneira, o funcionamento do poder é melhor compreendido através da idéia de que se exerce por meio de estratégias e que seus efeitos não são imputáveis a uma apropriação mas a manobras táticas e técnicas. Como ele explica uma das mais esclarecedoras passagens de *Vigiar e Punir* sobre a dinâmica do poder:

Ora, o estudo desta microfísica supõe que o poder nela exercido não seja concebido como uma propriedade, mas como uma estratégia, que seus efeitos de dominação não sejam atribuídos a uma 'apropriação', mas a disposições, a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos; que se desvende nele antes uma rede de relações sempre tensas, sempre em atividade, que um privilégio que se pudesse deter; que lhe seja dado como modelo antes a batalha perpétua que o contrato que faz uma cessão ou uma conquista que se apodera de um domínio. Temos, em suma, que admitir que esse poder se exerce mais do que se possui, que não é 'privilégio' adquirido ou conservado da classe dominante, mas o efeito conjunto de suas posições estratégicas - efeito manifestado e às vezes reconduzido pela posição dos que são dominados" (FOUCAULT, 1977, p. 29).

A perspectiva aberta pela analítica do poder vai impor, também, um deslocamento sensível, em relação às análises tradicionais sobre esta noção, no que concerne ao papel do Estado. Ora, para Foucault, “uma sociedade sem relações de poder somente pode ser uma abstração” (Foucault, 1982, p.222), isto implica que qualquer agrupamento humano vai estar sempre permeado por relações de poder, posto que a existência deste tipo de relação é coexistente à vida social. Esse aspecto é visível em **O Alienista** nas intervenções da Câmara Municipal de Itaguaí e seus ilustres vereadores que a princípio custeou as despesas da Casa Verde, e quando percebeu que ninguém estava a “salvo” do Alienista alguns de seus membros deram início a uma revolução a fim de declinar com a Casa Verde, e já próximo ao desfecho do livro a Câmara foi pega de surpresa com o ofício do Doutor Bacamarte que já não mais queria dispor dos recursos oriundos daquela instituição.

Popularmente é já conhecido, a expressão “endoidou de tanto estudar”, seria isso que teria acontecido com o nosso anti-herói? Para Foucault o ocorrido foi que o sistema ou a lógica individual de Bacamarte em sua relação de saber-poder foi destruído a partir do momento que toda a sociedade o aponta como um indivíduo sem nenhum defeito, nenhum vício, ele se percebe como um novo e inesperado modelo de comportamento individual a ser estudado e classificado, passando assim

a ser recluir de maneira solitária na Casa Verde, onde alcançou seu dia do júízo final sem ter elucidado a problemática do seu comportamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A loucura foi legitimada pela Medicina a partir de um discurso científico respaldado tanto pelas autoridades quanto pela sociedade. Com a Medicina, a loucura passou a ser identificada como patologia moral ou somática, o médico passou a definir o estatuto do louco. Tal como o protagonista de *O Alienista*, era o médico que determinava quem era louco, doente ou incapaz. Diagnóstico este que na maioria das vezes se plasmava em prol de interesses particulares.

Neste contexto, a obra machadiana torna-se um importante veículo de reflexão sobre o tema. *O Alienista* não é apenas uma crítica ao cientificismo do século XIX, a narrativa é antes de tudo, uma ironia aplicada à sociedade brasileira que na época esperava da Medicina e das ciências a solução para a loucura. Em um problema que se tornava cada vez mais presente no convívio social, tal solução foi à exclusão. E, para excluir era necessário primeiro produzir um discurso capaz de legitimar a ação. Com o discurso produziram-se identidades e com a identificação do pobre, do alcoólatra, do mendigo e do doente mental como louco, obtinha-se carta branca para a exclusão.

O tema da loucura, que também é jurídico, agita a literatura ficcional, essa temática também pode ser encontrada nas obras de Dostoievsky e Shakespeare entre tantos outros. É Foucault que nos instiga quando escreveu que “*por trás de todo escritor esconde-se a sombra do louco que o sustenta, o doutrina e o recobre. Poder-se-ia dizer que, no momento em que o escritor escreve, o que ele conta, o que ele produz no próprio ato de escrever, não é outra coisa senão a loucura*” (FOUCAULT, 2002, p. 243).

O Alienista é fina análise de luta pelo poder, e do modo como a ciência a ele se oferece, apega, domina, dirige. Trata-se de tema da reflexão dos frankfurtianos no exílio, que contestavam o Estado totalitário que se fundava na técnica (cf. HORKHEIMER, in ARATO & GEBHARDT, 2000, p. 95), de modelo político que decorre de convergência com racionalidade que se reporta ao iluminismo, identificando-se no totalitarismo (cf. HORKHEIMER e ADORNO, 2001, p. 6).

Ao debruçar-se sobre as questões do poder e da loucura, Michel Foucault, abordou posições assumidas como definitivas. Entretanto, esses temas tocam níveis mais profundos e essenciais, uma vez que tem relação com os modos de produção da verdade e vinculam-se a discursos qualificados como verdadeiros, que, por sua vez estão ligados aos mecanismos do poder. Ao fazer a análise desses temas no contexto da obra literária “**O Alienista**” de Machado de Assis, o intuito foi demonstrar como é possível partir de uma ficção e dela extraírem fatos e reflexões muito próximos às ideias de um filósofo como Foucault.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, 2006 disponível em <http://www.psicologianet.com.br/o-que-e-loucura-a-doenca-mental-a-loucura-e-os-transtornos-mentais/2725/>. Acesso em 19 de jun 2014

AURÉLIO, **Dicionário de Língua Portuguesa**. 4ª edição. Rio de Janeiro, Ed Nova Fronteira, 2001.

BARREIRA, Ieda de Alencar; PERES, Maria Angélica de Almeida. **Desenvolvimento da assistência Médica e de enfermagem aos Doentes mentais no Brasil: os Discursos Fundadores do hospício**. Rev. Texto & Contexto Enfermagem, Florianópolis, Programa de Pós-graduação em Enfermagem / UFSC, v. 18, n. 4, Out.-Dez. 2009 p. 635-642.

CHAVES, Ernani. Os alienistas. Revista Cult. São Paulo. N. 14, edição 159, p. 44-47, jul 2011.

DUARTE, André. Foucault no século 21. Revista Cult. São Paulo. N. 12, edição 134, p. 45-48, abr 2009.

FERREIRA, Antonio Celso. **Literatura: a fonte fecunda**. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

FOUCAULT, Michel. (1974-82) **Anuário do Collège de France**.

_____. (1977) **Vigiar e punir**. Petrópolis, Ed. Vozes.

_____. (1979a) **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Ed. Graal.

_____. (1979b) **A vontade de saber**. 2ª edição. Rio de Janeiro, Ed. Graal.

_____. (1980a) **L' impossible prison, richer chessur le systeme pénitentiaire au XIX siècle**. Paris, Éd. du Seuil.

HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor W., **Dialectic of Enlightenment**. New York: Continuum, 2001.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **O Alienista**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2010.

PIZA, D. **Machado de Assis. Um Gênio Brasileiro**. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

QUEIROZ, André. Dimensão Psi: Foucault e o poder/saber psiquiátrico. Revista *Mente, Cérebro e Filosofia*. São Paulo. N. 6, 159, p. 66-73.

Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Machado_de_Assis, acesso em 21 de jun2014